

HUMANIZAÇÃO DA MEDICINA

Eleuses Vieira de Paiva*

À beira do século XXI, a medicina brasileira encontra-se envolta em inúmeros e novos dilemas. Sistemas e complexos de saúde, globalização, tecnologia de ponta, ensino médico e tantos outros. Devemos acompanhar de maneira crítica, porém positiva, dando respostas concretas a essas novas dimensões. Mas, ao mesmo tempo, não podemos deixar obscurecer a velha essência, que é a humanização da nossa profissão. Valores que estão perdendo terreno diante da predominância de interesses pessoais e mesquinhos, principalmente daqueles que empresariam e intermediam o trabalho médico.

Hoje já somamos 251 mil profissionais e a cada ano as faculdades medicina colocam no mercado cerca de 9 a 10 mil novos médicos, a maioria sem a qualificação necessária para o exercício da profissão, num jogo político que tenta associar o número de médicos formados à melhoria na qualidade de vida do povo. Não se leva em conta que médicos mal formados podem ser um risco à população. Recente pesquisa nos Estados Unidos atribuiu ao erro médico a quinta causa de morte, entre outras doenças, no país. Se o erro médico tem nos EUA expressão tão significativa, qual seria a dimensão no Brasil?

Não dispomos de números, mas temos em nosso país uma situação que combina ingredientes altamente explosivos para esta ocorrência: a formação médica deficiente e um sistema de saúde inoperante. Nossa formação acontece em padrões inferiores aos dos americanos e europeus. Existem, hoje, cerca de 40 pedidos para a abertura de novas escolas médicas, que se aprovados, somarão às outras 101 já existentes. É um número excessivo e altamente preocupante, pois dados da Comissão Nacional de Residência Médica informam que cerca de 40% dos médicos formados no país não têm condições de fazer residência, estágio ou especialização, pois não existem vagas suficientes para todos, e os programas não chegam a 50% da qualificação dos exigidos em países do primeiro mundo.

Entendemos que é necessária e urgente uma ampla avaliação da qualidade do ensino médico brasileiro. Acreditamos que a formação profissional deve estar condicionada a uma estrutura adequada de qualificação e às necessidades primordiais da sociedade. É fundamental que os cursos de graduação e pós-graduação estejam integrados e próximos à realidade brasileira. As uni-

versidades devem ter condições de formar o profissional em todas as etapas: residência, estágio e especialização. A estrutura político-administrativa, da maioria das faculdades de medicina do Brasil, é centralizada e ineficaz; as escolas não têm autonomia e os recursos materiais estão sucateados; os recursos humanos qualificados são escassos e o regime de trabalho insuficiente às necessidades; o modelo pedagógico é anacrônico, fragmentado, com profunda dicotomia entre os conhecimentos básicos e os profissionalizantes; quanto à pesquisa e à prestação de serviços à comunidade, a atuação das escolas é tímida. Ou seja, estamos formando, pela ineficácia da educação, um profissional que não atende às necessidades sociais da saúde.

Qualificados ou não, farão parte de um mercado de trabalho rude, marcado pela desordem. Na área pública, descaso governamental, profissionais insatisfeitos e mal-remunerados, num caos ético e moral. Nas mãos de empresários inescrupulosos, medicina e saúde vêm sendo tratadas pelo setor privado como mercadoria e fonte de lucro, às custas da exploração do trabalho médico.

Diante desses modelos extremamente predatórios à dignidade médica, não nos causaram surpresa os dados fornecidos pela pesquisa da FioCruz, realizada em 1995, e apresentados no livro "Os médicos no Brasil – um retrato da realidade", de Maria Helena Machado. Dos cerca de 185 mil profissionais entrevistados, quando perguntados sobre o futuro da profissão, 41,1% deles responderam com pessimismo e outros 17,3% com incerteza. Esses números apenas constatarem que hoje a classe médica, em sua maioria, encontra-se desmotivada, desvalorizada, e, por vezes, constrangida de não poder exercer a profissão plenamente em virtude de modelos econômicos tão preponderantes em nosso tempo. O ato médico não deve ficar restrito a um mero item de planilha de custo. É insubstituível o seu papel na preservação da vida e aí encontram-se a velha essência e a humanização da nossa profissão. Apesar desses percalços, a medicina, como já dizia Hipócrates, continua sendo a mais bela das artes, de nobreza e missão com certeza inigualáveis. E, da mesma forma que o médico não pode negar a sua vocação, rendendo-se aos desafios que ora o aflige, jamais poderá deixar de acreditar em transformações, assim como permitir que o seu idealismo seja substituído pela desesperança.